

## MUSICA PARAIBANA E CULTURA DE RESISTÊNCIA NO MOVIMENTO MUSICLUBE<sup>1</sup>

Isabela Oliveira REMIGIO<sup>2</sup>  
Raquel Freitas de OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Bruno Ribeiro NASCIMENTO<sup>4</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar o conceito de resistência no contexto da música paraibana. Para isso, será discutido como os movimentos de resistência ganharam força e fizeram frente à indústria cultural. Este artigo está dividido em três partes: na primeira, define-se conceitos como “resistência” e “indústria cultural” a partir da obra de Theodor Adorno (1987a, 1987b, 2002) e Coelho (1993). Na segunda parte, serão analisadas duas letras de músicas escritas por Pedro Osmar a fim de mostrar como a cultura de resistência estava explícita em suas canções. Por fim, será mostrada uma entrevista feita com um dos músicos do musiclube, Adeildo Vieira, sobre este período. Conclui-se que estes grupos faziam frente a uma cultura musica que olhava para a arte apenas como objeto de mercadoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Musica paraibana; Resistência; Indústria Cultural; Musiclube.

### INTRODUÇÃO

No cenário da música paraibana encontramos vários nomes que foram importantes para o crescimento da cultura popular do estado. O interessante é que estes artistas mostram, através de suas músicas, que uma parte significativa da população paraibana queria ter voz e vez no cenário político e social. Nisto, suas músicas tinha como característica a resistência à industrial cultural, que via a música apenas como objeto de mercadoria.

Dentro deste contexto, o objetivo deste artigo é abordar a música paraibana como forma de resistência a pasteurização e a mercadorização da indústria cultural. Na primeira parte, serão analisados o conceito de industrial cultural a partir da obra de Adorno (1987a, 1987b, 2002) e Coelho (1993), a fim de contextualizar como a música

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Graduanda em Rádio e TV da UFPB. E-mail: [isabelaremigio1@gmail.com](mailto:isabelaremigio1@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Rádio e TV da UFPB. E-mail: [r.freitasdeoliveira@yahoo.com.br](mailto:r.freitasdeoliveira@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio e TV da UFPB, e-mail: [rn.brunno@gmail.com](mailto:rn.brunno@gmail.com).

paraibana se contrapôs a esta ótica, utilizando-as como forma de resistência a mercadorização da arte. Veremos que a resistência cultural é o *modus operandi* de populações subjugadas politicamente, culturalmente ou pela força, sendo utilizado como por estas comunidades como ferramenta na preservação de suas tradições e identidades. Esta resistência cultural será bem exemplificada no artigo pelas músicas que são sempre lembradas como grande trunfo dessa época.

Na segunda parte, vamos abordar a diversidade da música da Paraíba com os idealizadores do projeto cultural Musiclube. Vários artistas como Chico César, Totonho, Escurinho, Milton Dornellas, Adeildo Vieira, Kennedy Costa e Junior Targino beberam diretamente da fonte deste projeto.

Por fim, na terceira e última parte do artigo, voltaremos a falar do Musiclube, fazendo análise de duas letras das músicas, sendo elas de Pedro Osmar. Uma das análises será baseada a partir do olhar de Adeildo Vieira, onde ele fala que a música *Mato do Navio* retrata a caminhada da nossa luta. Na conclusão, será possível perceber como a influência da cultura de resistência é forte na paraibana, abrindo espaço para que esta mentalidade se propague durante todas as gerações.

## CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL

O termo “Indústria Cultural” foi escolhido por Adorno e Horkheimer pela primeira vez no ensaio *Dialética do Esclarecimento*, escrita em 1942, mas publicada somente em 1947. A utilização desta expressão tinha como objetivo substituir outro conceito: cultura de massa. Para os autores, ao utilizar este último termo, podia-se gerar a impressão que os fenômenos culturais da sociedade capitalista haviam surgido direta e espontaneamente das massas:

“Em nossos esboços tratava-se do problema da cultura de massa. Abandonamos essa última expressão para substituí-la por ‘Indústria Cultural’ a fim de excluir de antemão a interpretação que agrada aos advogados da coisa; esses pretendem, com efeito, que se trate de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas, em suma, de forma contemporânea da arte popular”. (ADORNO, 1987a, p. 286).

Assim, de acordo com Adorno, o termo Indústria Cultural seria um apelido para designar uma situação que estava ocorrendo na sociedade capitalista: a arte vem sendo tratada simplesmente como objeto de mercadoria, estando sujeita as leis de oferta e procura do mercado. Com isto, ela encorajaria uma visão passiva e acrítica do mundo ao dar ao público apenas o que ele quer, desencorajando o esforço pessoal pela posse de uma nova experiência estética (ECO, 1998). Além disso, essa indústria prejudicaria também a arte séria, neutralizando sua crítica a sociedade.

Segundo Freitag (1987), a concepção de indústria cultural não tem como objetivo fazer uma opção pela cultura alta em contraposição à cultura popular, mas analisar como os bens culturais são planejados para atingir os consumidores. Com isso, a Indústria Cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir de forma consciente. A arte, ao ser tratada apenas como objeto de mercadoria, não é mais um fator decisivo de conscientização na formação de consciência coletiva das sociedades massificadas, nem muito menos seus produtos tratam com a devida importância que se deve tratar um objeto cultural. Os produtos culturais não mais refletem uma classe social ou a tradição de um povo, mas apenas a dependência exclusiva do mercado.

A indústria cultural potencializa que os consumidores sejam alienados, que estejam aptos a receber apenas aquele conteúdo que lhes é indicado, de forma passiva. O número de pessoas que vão atrás de outras experiências estéticas é cada vez mais reduzido. Cabral (2016) cita que a Indústria Cultural apresenta-se como único poder de dominação e difusão de uma cultura de subserviência. Ela torna-se o guia que orienta os indivíduos em um mundo caótico e que por isso desativa, desarticula, qualquer revolta contra seu sistema. O público tem uma falsa impressão de felicidade e satisfação acerca do produto, o que acaba por desarticular qualquer forma de pensamento crítico.

Segundo as concepções de Adorno e Horkheimer, Indústria cultural e cultura popular são coisas totalmente distintas, uma vez que a primeira é primordialmente mercadológica, criando padrões cada vez mais ligados ao consumo do produto; já a outra é oriunda do povo, das crenças, tradições e costumes, sem nenhuma pretensão de ser vendida, feita pelo artista unicamente como forma de expressão.

“A indústria cultural fabrica produtos a fim de serem trocados por moeda; promove a deturpação e a degradação do gosto popular; simplifica ao máximo seus produtos, de modo a obter uma atitude sempre passiva do consumidor; assume uma atitude paternalista, dirigindo o consumidor ao invés de colocar-se a sua disposição” (COELHO, 1996, p. 23).

Podemos dizer que a *Indústria Cultural* traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, sendo assim portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. (SILVA, 2002). Ainda para Adorno, o homem é apenas um objeto da indústria cultural, o que torna fácil a sua manipulação.

A *Indústria Cultural*, que tem com guia a pretensa racionalidade técnica esclarecida, prepara as mentes para um esquematismo que é oferecido pelas leis de oferta e procura. O consumidor não precisa se dar ao trabalho de pensar, é só escolher (SILVA, 2002). Os produtos dessa indústria têm um baixíssimo nível tanto de forma quanto de conteúdo. E isso acontece porque os produtores que estão por trás desses produtos oferecem ao público exatamente o que eles desejam, só que com algumas ressalvas (NASCIMENTO, 2011).

## **RESISTÊNCIA E CULTURA**

Conforme aponta Coelho (1997), por resistência cultural entende-se os modos culturais de populações subjugadas politicamente, culturalmente ou pela força, e os meios utilizados por essas comunidades na preservação das suas tradições, crenças e identidade. Também pode ser o esforço organizado por pessoas que defendem um ideal comum contra uma autoridade constituída.

Santos (2009) afirma que resistir é, de alguma forma, opor-se ao velho como uma negação ao já estabelecido. Além disso, quando falamos em resistência cultural quer se mostrar também um modo demarcado de resistir que busca o coletivo, as regras, os formatos e jeitos de se organizar e fazer a frente a uma cultura que procura subjugar o outro. Segundo Silva [s.d], os processos de resistência cultural que marcavam a trajetória da cultura brasileira estavam atrelados, nacionalmente, à luta contra a

superação do regime autoritário. Além disso, há outros significados para o termo resistir.

Conforma aponta Feitosa:

Quero sugerir agora, desde Nietzsche e Deleuze, um outro significado para a palavra resistir, que não seja mais um resistir contra algo, mas um re-insistir. Resistência como uma forma especial de enfrentar o poder, de dizer não e sim, de agir conforme a liberdade, de lidar com a morte e com os muros da política. (FEITOSA, 2007, p. 25).

A palavra *cultura* tem origem no latim, da palavra *colere*, que quando traduzida para o português significa *cultivar*. Edward B. Tylor foi o primeiro a utilizar o conceito de cultura desde uma perspectiva antropológica, abrangendo nesta dimensão “conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (PARKER, 2005, p. 80).

Neste contexto, a cultura popular pode ter várias vertentes para ser definida, mas sempre tem um elemento chave como manifestação cultural e produção do povo, que tem uma participação ativa da população. A cultura popular é de fácil generalização e expressa uma atitude adotada por várias gerações em relação a um determinado problema social. A maior parte da cultura popular é transmitida oralmente, de geração para geração, dos mais velhos para os mais novos.

Na cultura popular do Brasil, encontramos várias vertentes, caracterizada por diferentes categorias culturais, causadas pelo regionalismo. Essas diferenças entre regiões são encontradas na música, dança e gastronomia. Na música popular do Brasil há todo um envolvimento com a história do país, a melodia e a letra dialogam diretamente com os problemas políticos e sociais da realidade enfrentada pela população. Durante o tempo da ditadura movimentos musicais foram um grande trunfo para contestar e resistir ao sistema imposto pelo golpe civil-militar. Para Santos(2009), ao pensar a ideia de resistência, afirma que resistir é, de alguma forma, resistir ao velho como uma negação ao já estabelecido.

## MÚSICA PARAIBANA E RESISTÊNCIA

A cultura musical na Paraíba sempre foi muito rica e, com a criação do Musiclube no ano de 1981 na cidade de João Pessoa, o cenário musical ganhou ainda mais força. O bairro de Jaguaribe, um dos mais tradicionais da capital paraibana, respirava música através dos idealizadores do movimento Pedro Osmar e seu irmão, Paulo Ró.

O projeto surgiu de anseios pela democratização da comunicação na cidade, e das necessidades culturais dos bairros, numa época que a música começava a refletir diretamente as classes sociais. Artistas como Chico César, Totonho, Escurinho, Milton Dornellas, Adeildo Vieira, Kennedy Costa e Junior Targino beberam diretamente da fonte do musiclube, fazendo com que este movimento se tornasse um dos mais importantes de resistência cultural da música popular paraibana.

Pedro Osmar, que se autodenomina “Guerrilheiro da cultura” traz como ideia principal a difusão do musiclube através da cultura do estado, a fim de buscar acabar com o chamado “Analfabetismo cultural”. As músicas criadas na época são compostas, em sua grande maioria, por canções que mostrassem que os artistas eram livres pra escrever sobre aquilo que lhes inspirava, fugindo da música mercadológica, que é feita apenas com o intuito de venda.

Boa parte do mercado musical no Brasil sofre com o monopólio nas produções, onde os artistas se veem muitas vezes obrigados a escrever somente para vender e propagar, sem nenhum conteúdo cultural. Na época do musiclube, quebrar essa ideia de fazer apenas pelo mercado e sob a direção de produtores era fundamental.

“De um lado está à representação do mercado, que é a vinda do público para ver o seu trabalho. E, por trás, aquilo que sustenta você como estrutura. O relacionamento com essas duas situações deixa muita gente perdida, transforma muitos em marionetes. Enquanto uns se perdem, outros vão, mas sem saber voltar. Para você entrar de uma maneira consistente no mercado, nas luzes do palco e nos abajures dos bastidores, tem que ter consciência do seu papel. Isso evita que a pessoa vire um bonequinho, que muitas vezes as pessoas viram”.  
(VIEIRA, 2005)

Os artistas da Paraíba sempre lutaram contra essa mercadorização da cultura afim conscientizar a população para o debate político e para os problemas da sociedade,

como conta Adeildo Vieira. A arte, ao mesmo tempo em depende da mídia e da indústria para ganhar exposição e ser democratizada, não se transforma em objeto sujeito as leis de oferta e procura.

Com a criação do Musiclube, a oposição a indústria cultural se intensifica, e os artistas buscam cada vez mais se opor ao alienante sistema imposto pela mídia cultural.

“Esses foram tempos de profunda atividade cultural, onde exercitávamos as habilidades musicais aprendidas e podíamos manter um diálogo aberto com a comunidade, levando cultura para os quatro cantos da cidade e do estado, com a profunda certeza de estarmos evoluindo musicalmente e politicamente, podendo assim medir a extensão das nossas próprias experiências musicais”. (DARIO JUNIOR, 2014).

Logo no início do musiclube seus fundadores, Pedro Osmar e Paulo Ró, criaram a banda “*Jaguaribe carne*”; Jaguaribe: o bicho que deu nome ao rio, o rio que deu nome ao bairro, o bairro que deu nome ao grupo. Carne: de alimento, vida e sexo. A Carne vem da antropofagia e do movimento modernista que eles estudavam nos anos 70<sup>5</sup>.

Suas músicas contêm referências de ritmos como ciranda, coco, maracatu e caboclinho, e se misturam a influências da música da África, do jazz e da música instrumental brasileira. As letras de suas músicas contêm compromisso humano e ético, e procuram fugir do que a indústria mercadológica impõe para produções, como objeto de comercialização.

Em entrevista com Adeildo Vieira, representante desse movimento, ele cita a música *Mote do Navio*, de autoria de Pedro Osmar, que foi gravada por Lenine.

“[...] Lá vem a barca/ trazendo o povo/ pra liberdade/ que se conquista [...]. Essa música é uma música emblemática, que ela basicamente é como se nós estivéssemos caminhando na nossa luta e essa música fosse a música aquela que a gente empunhava nossas bandeiras, nosso estandarte, e a gente vai cantando e as novas gerações já reconhecem isso, uma música emblemática, forte. A gente tem algumas que a gente poderia explicar, mas essa eu diria que seja a música! Até porque foi composta pelo cara que praticamente foi peça principal desse movimento. Pedro Osmar é uma figura importante desse processo e tem essa canção que nós consideramos muito importantes,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.gasolinafilmes.com.br/jaguaribecarne/sobrejaguaribecarne.html>

meio como um hino, um porta voz dessa luta toda que as novas gerações já respondem através dos movimentos de produção, o pessoal do centro histórico, o pessoal da Parahybólica<sup>6</sup> e outros movimentos de produção que muitas vezes descambam dos movimentos estéticos, tem de certa forma o recebimento do bastão dessa carreira que a gente vem fazendo na inquietação. (VIEIRA, 2016, Informação verbal<sup>7</sup>)

Na análise da música “*Ferrugem popular*” do grupo paraibano, seus ideais a respeito da cultura popular e sobre política se mostram muito presentes, nos versos que dizem “Liberdade, é o único sentimento de revolta” tratava justamente da liberdade dos artistas se expressarem através de sua arte, e romper com o mercado que queria apenas um produto de comercialização. Logo em seguida Pedro Osmar escreve que “ um dia, a selvageria será vencida pela inteligência, e a vida será nossa mecânica sentença”, o que retrata justamente a resistência desses artistas ao sistema, e o desejo de fazer música acessível a toda a população.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa propôs, como objetivo geral, elaborar um conjunto de ideia sobre a forte resistência cultural no cenário paraibano. Indo também contra a indústria cultural que usa como parte do seu conceito a cultura como mercadoria. Pegando uma vertente grande para nomes da música da paraibana que tiveram grande participação em movimentos culturais e que ajudaram para o crescimento dentre esses movimentos. Isso ficou bem explicado nas músicas analisadas que foram citadas no artigo.

O tema abordado não é de conhecimento geral, uma vez que as novas gerações não tem total acesso a essas informações, algumas matérias na internet explicam um pouco acerca do que foram os movimentos culturais de resistência na Paraíba, e a música

---

<sup>6</sup> Com a ideia de produzir projetos voltado para o campo da cultura, a Parahybólica desenvolve suas funções se especializando em gestão, produção e assessoria de eventos culturais que reflete os mercados criativos.

<sup>7</sup> VIEIRA, Adeildo. Entrevista I. [mai. 2016]. Entrevistadora: Isabela Remígio e Raquel Freiras. João Pessoa, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.



popular tem ficado cada vez mais forte no estado, o que ajuda a trazer os jovens para essa realidade de luta contra a alienação da arte.

Como um complemento acerca do assunto, o documentário Jaguaribe Carne: Alimento da guerrilha cultural traz um pouco da história do grupo de música paraibana que fundou o musiclube, para quem quer se aprofundar acerca do tema, a produção é de extrema importância, além das referências aqui citadas. Conhecer um pouco mais da histórias desses movimentos oriundos do nosso estado ajuda a manter vivo os ideais, e os levando de geração em geração.

## **APÊNDICE - ENTREVISTA COM ADEILDO VIEIRA, MAIO DE 2016**

### **1- QUAL A IMPORTÂNCIA DO MUSICLUBE PARA A CULTURA PARAIBANA?**

**Adeildo:** O musiclube nasceu no começo dos anos 80, com a iniciativa de Pedro Osmar que chamou um grupo de músicos e esses músicos começaram a se reunir para discutir a realidade, produção, estética e buscar outros caminhos para a fluência da produção cultural. O universo cultural como um todo. Então, o musiclube nesse período teve um trabalho de projetos, shows, influências da política da cidade, de reunir pessoas e ocupar espaços, de fazer shows em vários lugares e apoiar os movimentos. E isso foi construindo um pensamento de uma agremiação de um globo musical que eu faço parte, então, por exemplo, então todo o meu pensamento musical, político, no campo estético, e nesses campos todos passam necessariamente por essa minha formação, por essa minha participação no musiclube. E todo esse pessoal que constituiu esse movimento na época, que era um movimento de resistência, de se contrapor as políticas que excluíam os artistas, que não respeitavam os artistas, a gente criou esse movimento e esse movimento interferia nas cidades, de modo que hoje leva parte dessas pessoas que estavam lá, todos tem alguma interferência cultural na cidade. Gravaram seus discos, produziram seus trabalhos e influenciaram as novas gerações. Tenho dois filhos profissionais que são frutos dessa lógica, e também tem algumas pessoas do musiclube que hoje fazem parte do governo do estado, tem Paulo Ró, Pedro Osmar, Chico César

que fez parte e tocou no musiclube e discutiu nossa realidade e hoje é um ícone da música internacional inclusive.

## 2- QUAL A RELAÇÃO DO MUSICLUBE COM A RESISTÊNCIA CULTURAL?

**Adeildo:** Para nós, a lógica do musiclube era estar perpassando gerações, e manter essa lógica de agregar, essa lógica de juntar pessoas. O musiclube trouxe o cenário político para dentro da gente, tudo que a gente pensa culturalmente a gente pensa no campo das relações humanas, no campo das relações políticas e isso muitas vezes tá dentro da obra da gente. Muita a questão da discussão sobre os tempos, as discussões mais importantes das relações humanas elas acabam caindo dentro da obra da gente, então vez ou outra vocês vão encontrar a gente falando de liberdade, falando de lutas, de renovação de pensamentos, de estética, estrebuchamento cultural que podem trazer novos movimentos e mexer com a cabeça das pessoas né? Então isso tá presente em um monte de música nossa.

## 3- QUAL A MÚSICA PRODUZIDA PELO MUSICLUBE RETRATA TODO ESSE MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA?

**Adeildo:** Uma música de Pedro Osmar “ Lá vem a barca” que diz assim “[...] Lá vem a barca/ trazendo o povo/ pra liberdade/ que se conquista [...]. Essa música é uma música emblemática, que ela basicamente é como se nós estivéssemos caminhando na nossa luta e essa música fosse a musica aquela que a gente empunhava nossas bandeiras, nosso estandarte, e a gente vai cantando e as novas gerações já reconhecem isso, uma música emblemática, forte. A gente tem algumas que a gente poderia explicar, mas essa eu diria que seja a música! Até porque foi composta pelo cara que praticamente foi peça principal desse movimento. Pedro Osmar é uma figura importante desse processo e tem essa canção que nós consideramos muito importantes, meio como um hino, um porta voz dessa luta toda que as novas gerações já respondem através dos movimentos de produção, o pessoal do centro histórico, o pessoal da Parahybólica e outros movimentos de produção que muitas vezes descambam dos movimentos estéticos, tem de certa forma o recebimento do bastão dessa carreira que a gente vem fazendo na inquietação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987a.

\_\_\_\_\_. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987b.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. In: **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CABRAL, João Francisco Pereira. **Conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer; Brasil Escola**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/cultura/industria-cultural.htm>>. Acesso em 13 de maio de 2016.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

DARIO JUNIOR. **Musiclube da Paraíba**: Um olhar crítico sobre a história de um dos mais importantes movimentos de resistência cultural da Música Popular Paraibana, 2014. Disponível em: <<http://dariojuniorartedjr.blogspot.com.br/2014/06/musiclube-da-paraiba-um-olhar-critico.html>>. Acesso em: 14 maio 2016.

FAUSTINO, Maria Elena. **MUSICLUBE DA PARAÍBA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS À MARGEM DE UMA CIDADE**. João Pessoa, [s.d]. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu\\_anais/anais/cultura/musiclube.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/Icbeu_anais/anais/cultura/musiclube.pdf)> Acesso em: 13 mai 2016.

FERNANDES, Natalia A. Morato. O conceito de resistência em Benjamin e Adorno. **Estudo de Sociologia**, Araraquara, v. 6, n. 10, p.1-4, 2001. Unesp. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/186/751>>. Acesso em: 17 maio 2016.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. A mistificação das massas: Os operadores da indústria cultural na obra de Adorno e Horkheimer. **Revista Temática**, João Pessoa, v. VII, n.9 , p.7, Setembro/2011.

OSMAR, Pedro. **Sobre a guerrilha cultural: PRINCÍPIOS PARA COMPREENSÃO DE UMA ADMINISTRAÇÃO CULTURAL MAIS INTELIGENTE E DEMOCRÁTICA**. 1996. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/cultura/textos/posmar.htm>>. Acesso em: 13 mai 2016.

\_\_\_\_\_. **Musiclube**. 2006. São Paulo. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/musiclube>>. Acesso em: 15 maio 2016.

SILVA, Daniel Ribeiro da. **Adorno e a Indústria Cultural**. 2002. Maringá. Disponível em: <[http://www.urutagua.uem.br//04fil\\_silva.htm](http://www.urutagua.uem.br//04fil_silva.htm)>. Acesso em: 13 maio 2016.